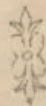


INDEPENDENTE

Editor—João da Silva.

Redacção e administração—Rua de S. Thiago 14 e 16

Impressão—Typographia de Albano Pires, rua da Rainha, 120.



Condições d'assignatura

Anno. 18200; com estampilha 18500. Africa e Brazil, 35000 reis.

Publicações—Anuncios e communicados, por linha 40 reis, repetições 20 reis.

GUIMARÃES, 26 DE JUNHO DE 1902

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Homenagem a Francisco Ribeiro Martins da Costa



Assassinado no pinhal de Pousada (Quinta d' Agra), em 26 de junho de 1801.

Como o soldado, que marcha dominado pela disciplina militar, elle marchava, marchava sempre, unicamente inspirado e impellido pela voz da consciencia. Se teve desillusões, a satisfação de haver cumprido o dever dar-lhe-ia compensações de sobra. Esta só resta áquelle, a quem o destino coroou com esplandecente diadema da grandeza moral, mais bello, mais fulgurante que os recamados de gemmas preciosas. O que sobrevive no homem e lhe dá um brilho perenne d'álm-tumulo, não são os ouropéles facilmente desbotaveis das apparencias vans; esses vão-se com a vida material—poeira innominada que a reminiscencia se nega a memorar; não assim o caracter: este permanece e perpetuará pelos tempos a vir a lembrança dos que foram bons e munificentes, como o nosso illustre e chorado morto, cujo retrato illustra hoje a primeira pagina do «Independente.»

Riqueza, descanso que d'ahi podia auferir, intelligencia, actividade infatigavel e bom humor negociavel, tudo pôz a serviço dos outros e d'este miúdo seu natal, carinhosamente amado.

Não é só a fatalidade das coisas a destruidora dos que mais amamos; ás vezes tambem a deshumanidade dos seclerados. Tal foi a sorte de Francisco Ribeiro Martins da Costa. Se a natureza lhe ia poupando as poucas forças do seu débil organismo, a mais cruel das violencias, premeditada e vagarosamente combinada nos mínimos detalhes, fel-o resvalar de golpe na estancia dos mortos.

Morreu? Sim, para a vida do mundo; mas a morte não o envolveu no esquecimento das existencias communs, das vividas no estreito recinto dos interesses próprios; a memoria d'elle pelo contrario refulge cada vez mais no coração dos seus amigos e de quantos sabem honrar virtudes raras,

COMMEMORANDO o anniversario da morte de Francisco Ribeiro Martins da Costa, sentimos ainda hoje viva, como no primeiro instante, a impressão de horror pelo atroz assassinato, e com ella a saudade cada vez mais funda pela perda d'essa individualidade, superiormente distincta por tam altas qualidades moraes.

Representante d'uma geração, em que os homens de caracter eram queridos e respeitados, elle soube conservar com avareza essas velhas tradições, thesouro de seriedade, probidade e honradez, que lhe deu um logar proeminente na nossa terra, e lhe pôz nas mãos a direcção das questões que a interessavam.

Não dirige quem quer: precisa de dotes especiaes aquelle que accita tal primazia, sobretudo se tem d'operar n'um circulo onde não faltam pessoas illustradas e de valor, como eram as que viviam aqui, quando lhe deixaram tomar a preponderancia, mantida depois sem contestação até ao fim. Não precisamos lembrar os nomes dos que foram seus amigos e o elevaram elles mesmos a esse primeiro logar tão difficil, espinhoso e cortado de dissabores, principalmente se o mandatario nada deseja para si, nem lucros nem vaidades. O entendimento recto e coração d'ouro davam-lhe e deram-lhe sempre uma superioridade incontestada, o respeito sem o qual é impossivel o prestigio; e ai d'aquelles que não sabem infundir um e outro.

Taes dotes, indispensaveis a um homem publico, possuia-os Francisco Ribeiro em farta e larga abundancia. Não se baldou a confiança depositada n'elle. D'uma vontade tenaz e inflexivel, de palavra que nunca falton, não se eximindo nunca a qualquer sacrificio pela terra, ou a favor de quem

quer que o sollicitasse—mal imaginou que o remate de tamanhos e ininterrompidos desvelos, em beneficio alheio, seria a bala d'um assassino traçoiro.

E' inutil recordar os seus actos e factos: assaz os conhecem os nossos leitores; ninguém em Guimarães, se não faz grandes esforços para se esquecer, pôde deixar d'apontar um por um os melhoramentos devidos a essa poderosa iniciativa, e que bastam para dizer com quanto interesse se preocupava pelo desenvolvimento e progresso da nossa localidade.

Embora lhe faltasse a arte, tantas vezes illusoria, de captivar com palavras insinuantes, nem por isso a sua influencia se abalava; assente sobre bases sólidas, não prevalecia contra ella tam pequena deficiencia; contrabalancando-a com peso immensamente superior, estava a austeridade a subjugar os que o tratavam de perto, e conheciam assim as suas generosas intenções, e o modo de proceder, levado ao extremo da rectidão e da lealdade. Por tal motivo, desaparecia logo a impressão, quando menos favelavel, do primeiro abordo, e ficava em plena claridade uma natureza forte e prestimosa.

FRANCISCO AGRA

(O POLITICO)

O QUE a meu vêr define e caracteriza a acção politica de Francisco Agra, além do exemplo saudavel de uma absoluta isenção pessoal, tão nobre e tão limpida como nenhuma outra maior ainda vi—nunca accceitou e, o que é mais, nunca desejou cousa alguma para si—é a sua convicta e inquebrantavel lealdade a estes dois princípios de governo—a sobreposição dos interesses e melhoramentos geraes aos interesses e sollicitações particulares—o respeito e a tolerancia para com os adversarios, sem mescla de transigencias ou complicitades encobertas.

Entre os politicos de officio, mais ladinos e finorios, corre como verdade axiomática que os serviços e beneficios de caracter geral a ninguém prendem e conquistam, cabindo depressa no esquecimento com o nome do seu auctor. Só o favor pessoal e directo, o patrocínio de vaidades ou a satisfação de ambições e interesses individuaes, é capaz de mover e captar o reconhecimento e a dedicação. só isso engendra, fortifica e alarga as clientelas politicas. Francisco Agra não pensava assim, e, o que é melhor, não procedia em tal conformidade. Vindo á politica sem intuitos egoistas, apreciando n'ella apenas um meio honesto e effizaz de bem servir o seu paiz e a sua terra, não se preocupava de arregimentar e engordar pretorianos assoldados e adstrictos á sua bandeira e fortuna politica.

Chefe de politica local, as suas grandes demandas, as suas grandes batalhas pelejou-as sempre em nome da terra que lhe fóra berço, nunca no de um pretendente cuja fidelidade fosse necessario assegurar, ou no de um cobijado influente cuja adhesão fosse importante conseguir. As nossas primeiras relações recordam o tempo em que alcançava de Fontes Pereira le Mello a collocação de um regimento e a organização de uma escola industrial na cidade de Guimarães. Depois e successivamente vieram a questão da autonomia municipal, o restabelecimento da Collegiada, a sua transformação em Lyceu, a construção das Avenidas, e outros acontecimentos de real importancia e vantagem que conseguiram abrir um sorriso de intimo contentamento no seu parecer habitualmente triste e severo. Não é que desprezasse ou esquecesse os amigos e auxiliares, e provam-o bem irrecusavelmente a inabalavel dedicação e o entranhado affecto com que esses o acompanharam até á morte. Mas protegendo-os com desvelo e apadrinhando-os com fervor não se tornava instrumento cego e inconsciente dos seus desejos e muito menos sollicitador soffregõ e impertinente á custa do Estado. Procurava para elles com empenho e com vontade as vagas que naturalmente se abrem nos quadros da administração, mas sem contestar a subordinação do pedido ás exigencias da competencia e aos dictames da justiça, e não sabendo querer alargamentos de quadros e criação de logares só para bom despacho dos seus protegidos.

Tambem nunca lhe ouvi accusação violenta ou critica acerba aos que o combatiam. Não deslocou um funcionario por desaffiçoadado, nem perseguiu quem quer que fosse, antes sempre o vi oppôr resistencia formal e energica ás sollicitações d'essa natureza. O mando não torna em regra populares aquelles que o exercitam. «*Une main douce et ferme*» recommendava o estadista francez aos homens de governo da sua nação. Mas a firmeza não se alcança sem a compressão, e os que a soffrem nunca justificam aquelles que lh'a impoem. Na politica local esse sentimento de injustiça e revolta tambem se faz sentir, e porque o meio é mais restricto e pequeno, a emulação e a contrariedade revestem formas ainda mais azedas e irritantes. O tyrannete malfazejo e ventripotente é a encarnação vulgar do dirigente local, que tanto tem concorrido para desacreditar essa politica e desmoralisar e confundir a administração. Francisco Agra resistio sempre a esses demandos do caracter e da vontade. E' que n'aquelle taciturno e concentrado, de apparencia quasi tímido e acanhado, a generosidade do coração só era sobrepujada pela firmeza e pela elevação do criterio.

HONTEM, JÁ HOJE ESQUECIDO

NO ultimo quartel da vida, fallar d'um morto approximadamente da mesma idade e da mesma criação é regressar em espirito á mocidade commum, que para ser alegre basta ser moçada, de, recaindo logo desalentadamente no medinho contraste da actualidade, resultado fatal do verminar dos annos, que tudo corrompem, tudo deformam, tudo apagam.

Triste sempre, e mais, muito mais triste ainda quando a estes dolorosos rebates do cerebro respondem em echo melancólico affectos do coração.

Por isso só para corresponder ao honroso convite que me associa a uma homenagem justissima, forcejei por arrancar á já débil memoria essas mal cezidas apreciações biographicas.

Em outubro de 1852, Francisco Ribeiro Martins da Costa (Agra) matriculou-se no 1.º anno philosophico e mathematico na Universidade de Coimbra, de cujas aulas, cerca de mez e meio depois, não sem ter já dado boas provas de si, uma febre de pessimo character o retirou para o leito e, apenas convalescente, do leito para Guimarães, d'onde a medicina lhe prohibia regressar.

De temperamento refractario ao ocio, a primeira victima da sua actividade foi o cartorio paterno. Dentro em pouco, titulos de letra reservada a paleographos estavam trasladados em optimo caligraphia; os dispersos competentemente agrupados; os deficientes completos com novas acquisições e notas elucidativas; em summa, a desorganisação feita ordem.

E' de vêr que esta incoereivel laboriosidade não podia deixar d'expandir-se para fóra das estreitezas domesticas. Sem theatro e sem assemblêa, Guimarães offerecia então aos seus habitantes e visitantes noites d'eterno enfado; e uma pleiade de benemeritos esforçava-se por dotar a cidade com estes dois elementos de civilisação. Francisco Agra juntou-se-lhes logo e os seus relevantes serviços testificam-n'os, até á realização d'estes ideaes, os homens d'aquelle tempo; depois, as actas existentes.

Por este e muitos outros precedentes as extraordinarias facultades de trabalho de Francisco Agra estavam indiscutivelmente reconhecidas, quando em 1872 erompeu o contagio, que, como os que mais tarde alastraram o paiz de vinhas e fabricas de tecelagem, inçou todas as terras portuguezas de bancos aos pares e aos ternos, em completa desproporção com as necessidades mercantis, sua alimentação, e com o pessoal habilitado em cada local para a especialidade, garantia da idoneidade das gerencias.

Tomado do devaneio dominante, Guimarães sonhou 3 bancos e custou-lhe a contentar-se com 2. Os nomes naturalmente lembrados para as primeiras direcções foram de negociantes, mas para um d'elles, — o de Guimarães, — não se prescindiu de Francisco Agra, sem embargo da sua inteira falta de tirocinio commercial. Foi como que uma eleição por distincção.

E, com effeito, este banco subiu a um tal grau de crédito que (talvez o unico) atravessou a crise de 1876 sem se aproveitar da moratoria concedida pelo governo, chegando a merecer a um negociante do Porto o annuncio de que só accceitaria as notas d'elle!

Não ha mais firme attestado de bom conceito ganho. Quem em face de tão risonha perspectiva preveria o desastre succedido 20 annos depois, interpostas varias outras direcções, que pareciam viver em desafogo?

E quem tambem, ao vêr os titulos do governo elevados á cotação mais alta de que ha memoria, previa que volvidos, não 20, nem 10 annos, mas apenas 3 ou 4, o mesmo governo abalaria as condições economicas da nação com uma formidanda banca-rotas?

No meio de tudo, o mais curioso é ter sido a longa duração do crédito enorme do banco um dos mais importantes factores da sua ruina. E não ha duvidar; porque foi d'este crédito que veio a affluencia superabundante de depositos, resultando de tamanha accumulção de capitales a impossibilidade de os collocar com rapidez e segurança, e consequentemente, já o riseo d'empregos precipitados, já o prejuizo d'immobilisações que custam e não rendem juros.

Não se pôde disfarçar—é certo—o erro da accceitação illimitada de taes depositos, mas no caso sujeito, o justamente considerado erro, não passaria da applicação d'um principio corrente para casas bancarias «ganhar dinheiro é com dinheiro alheio» sem o vicio d'origem da desalocada obra de 1872: «sobra de bancos para deficit de negocio.»

Se ao menos a lieção aproveitasse aos impressionaveis, tão promptos sempre a acompanhar com vivo entusiasmo todas as correntes, como a declinar, enraivecidos, sobre os outros a culpa dos maus resultados, logica consequência dos desvairements que se não lembram de ter applaudido!!.....

Mas deixemos em paz o pobre banco, morto, á força d'indigestões pecuniarias pelos credores, que, para cumulo de bizzarria prodiga, fundaram por o amortalharem em papel sellado, conforme o ritual da Justiça, fóra da qual não acharam salvção estes innocentes, tão desconfiados do tino e zelo proprios, como crentes no tino e zelo officiaes; e voltemos ao assumpto.

Nos dois ultimos decennios da sua vida, duas grandes paixões absorveram quasi exclusivamente Francisco Agra: a sua Agra, e a politica local. Póde dizer-se que dos cuidados d'uma descancava nas lides da outra. Elevado a chefe do partido regenerador em Guimarães por consenso unanime dos partidarios, tinha no papel e na memoria registos minuciosos da cotação eleitoral de quem quer que merecia alguma, bem como das influencias, fôssem d'onde fôssem, a que os cotados obedeciam.

E com este segredo, opportuna e habilidosamente manuseado, chegou a tornar-se indebellavel.

Apezar de nem nos maiores apertos prometter o que não estava certo de poder cumprir nem deixar de cumprir o que, bem ou mal, uma vez promettera, os seus adversarios nem dispoem das graças governamentais podiam esperançadamente abalançar-se a lutar contra elle, sem se dispõem a recorrer a processos illegitimos.

E' claro que esta paz armada não se mantinha sem pesados sacrificios.

E que exigia Francisco Agra em troca? Honras? Desceu á sepultura sem uma fita a ornar-lhe o peito!

Cargos publicos? Até na sua localidade recusou exercel-os!

Beneficios para as suas propriedades á custa dos dinheiros publicos?

Nem uma estrada promoveu, nem um triste caminho lhe deram para qualquer d'ellas!

«Avis rara», entre as que voejam nas searas empolgadas pelo partidario, não visava a alçar-se na aura popular aos dispensarios dos regalos pessoais.

A que visava dizem-n'os: as nossas duas avenidas; o seminario; o lyceu; a restauração da Collegiada; a escola industrial, etc.

Sobretudo na criação da escola industrial, sem depreciar o concurso d'outras entidades, dou testemunho de que a parte decisiva cabe a Francisco Agra. Eis o caso:

Apenas o ministro Antonio Augusto d'Aguiar, fundado na lei d'iniciativa do nosso antigo deputado o sr. Illydio Ayres Pereira do Valle, que auctorisava a criação de escolas industriaes em Guimarães, Portalegre e Covilhã, decretou para esta ultima uma escola, dirigiu-se F. Agra a mim para escrever a Aguiar.

Contra a resposta evasiva que promettia uma aula de desenho, engatilhou logo Agra a arma d'um acaso feliz com que contava.

Procedia-se n'esse anno a novas eleições, sendo muito recommendado para nosso candidato o sr. Franco Castello Branco, então desconhecido aqui.

«Quem quizerem—respondeu Francisco Agra—contanto que nos restituam o regimento e nos deem uma escola industrial.»

Não estando ainda n'esses tempos restaurado o uso de eleições á cabralina, Fontes accceitou. Mas eleito o sr. Franco, Aguiar nem á mão de Deus-Padre se resolvia a honrar a palavra do seu chefe. Foi então que o sr. João Franco, com a sabida energia, seu caracteristico, reclamou e obteve a intervenção de Fontes, que pôz termo ás reluctancias do ministro:

O facto exposto, quando não fôssem, como é, um entre muitos, de per si bastava para pôr em relêvo a entranhada dedicação, que a coadjuvação indispensavel do sr. Franco não desfaz, de Francisco Agra pela sua terra natal.

Notam-lhe erros?

Quem os não commette?
Apontam-lhe defeitos?
Quem os não tem?

Mas fundados ou não quaesquer senões que lhe oppo-
nham, não fica menos innegavel que Guimarães lhe deve
immenso.

Passa hoje o anniversario da sua traçoieira morte, que
representa uma sensível perda para a nossa terra. Se a
gratidão posthuma do povo que elle serviu, tão desinte-
ressadamente esquecido de si, incita a futuros imitadores,
que o inquiram e julguem os que porventura se propo-
nham a seguir-lhe o exemplo com a mesma força de von-
tade, com o mesmo inquebrantavel civismo, com a mesma
persistente abnegação.

Guimarães, 26 de junho de 1902.

Bande de Margaride.

VIRTUDE PARA IMITAR

UMA excellente virtude se conta de Fran-
cisco Agra, e é que, se algum padre lhe
rogava sua protecção para obter beneficio eccle-
siastico, elle a negava e por boas maneiras despe-
dia o postulante, se lhe constava haver n'este
incapacidade moral.

Grande, na verdade, era essa virtude em cida-
dão de tanto valor politico. E com ella certamen-
te prestou serviços de muita valia á Igreja e ao
Estado.

GUIMARÃES, 16-VI-902.

D. Prior Manuel d'Albuquerque.

Sob os cyprestes...

MEU querido morto:

Se é que as almas dos que já foram,
podem, d'alem-campa, communicar e entender-se
com as almas dos que ficaram, evoquemos tristes
recordações e conversemos um momento n'esta
soidão.

Dize-me:

Pensarias acaso, alguma vez, que o braço
do assassino haveria de derrubar-te instantaneo,
n'um recanto da tua herdade, sem deixar-te
sequer fitar os olhos embaciados nas faces do-
loridas dos irmãos queridos?

Tu, que sempre te devotaras ao bem da tua ter-
ra n'uma operosidade fecundissima, anteverias já-
mais tão triste epilogo d'uma vida de tantas bene-
merencias?

Não teria sido tua ambição e bem-merecida co-
rôa aguardar a hora derradeira no regaço dos
teus, que te cerrassem piedosamente as palpebras,
ouvires em torno do teu leito as benções de tantis-
simos, a quem foste amparo e valimento, suavisa-
rem-te as ultimas agonias as lagrimas sentidas d'esta
Guimarães, que tanto alevantaste?

Dize-me:

Sonharias porventura que, apoz tão barbara
tragedia, uma como corrente de favor haveria
d'acalantar o teu assassino e que, d'olhos fechados aos
precedentes e documentos do crime, nove homens viriam,
n'um quasi phrenesi, proclama-lo todos innocente?

Não ererias, pelo contrario, que para vingar-te
e dar satisfação aos teus, succumbidos a tão duro
golpe, se levantassem até as pedras das calçadas?

Dize-me:

Esperarias acaso que, dissipada em breve a im-
pressão dolorosa do hediondo crime, uma como
glacial indiferença nos empolgasse a todos e não
se cogitasse ainda de perpetuar, em duradoiro mo-
numento, a tua memoria tão distincta?

Não parece que a mesma bala, que te inter-
ceptou a vida, cortou cereas as raizes da gratidão
vimarãesense?

Ah! se á ignota morada dos espiritos chegam,
por mysteriosos fios, os ecos d'este mundo, se nos
impenetráveis dominios d'alem-tumulo conservam
as almas o sentir humano, se lá memoria d'esta vida
se consente, como deve ser grande a tua dôr, ó meu
querido morto!

Que a tua razão clara, a tua vontade firme, a tua
franqueza limpida, a tua lealdade perfeita, a tua co-
herencia primorosa, o teu desprendimento unico, a
tua actividade inexcedível, a tua devoção incen-
drada pelo augmento e prosperidades d'esta terra,
se evolem e expandam—finissima essencia e fecun-
dante exemplo—por sobre todos nós.

XXI, junho.

Concega José Maria Gomes.

FRANCISCO MARTINS

MAIS que aos homens de letras, grandes
muito embora pela acção ampla dos
seus talentos, devem as localidades ao impulso dos
bons politicos.

Aquelles magnificam e engalanam luxuosamen-
te as terras suas nataes, com o halo brilhante do
seu pensamento e com o rumor da sua fama. Es-
tes porem, as indomaveis energias que se empos-
sam da sympathia e da vontade da sua gente, e
lhe enfeixam as justas aspirações num esforço har-
monico e impositivo; estes, os audaciosos e finos
domiaadores das maiorias que decidem, são
hoje os verdadeiros anjos tutelares dos seus
burgos: rasgam-lhes as velhas cinturas de pedra
ou de preconceitos e fazem-nas invadir pelo tropel
jubiloso de inventos e progressos, que hoje cons-
tituem as regalias inauferiveis das povoações cultas.

A tão estremada pleiade de benemeritos, cam-
peões ardentes do progresso local, pertenceu, com
vistoso relevo, Francisco Ribeiro Martins da Cos-
ta, o habil politico regenerador, o patriota hones-
to, intelligente, activissimo que, em toda a ultima
vintena do seculo findo, traçou larga orbita aos
destinos d'esta fidalga cidade.

A estatua do prestantissimo cidadão não se le-
vanta ali n'uma praça publica, nem de tal preito
tem necessidade a sua memoria para ser inextin-
guivel: os vimaranenses de hoje, com os vindou-
ros, poderão contemplar sempre como seus monu-
mentos aureos, que lhe travarão o nome com a
vida de Guimarães:

- a estatua de D. Affonso Henriques
- a Escola Industrial
- a Collegiada
- o Seminario
- o Lyceu
- as Avenidas.

Que mais é necessario para que a devoção ci-
vica, a força politica, a indole nobre, a intelligen-
cia acuminada e a energia invencivel de Francisco
Agra fiquem documentadas até á evidencia e pa-
ra que a gratidão saudosa obrigue a terra que
elle amou a levantar-lhe no seu larario um perfil
venerado e querido?

Não o duvidemos: Francisco Agra, o corajoso
renovador da academia vimaranense, sempreviverá no
coração agradecido d'esta briosa cidade, como um
dos seus nunes mais beneficos.

17-VI-902.

Antonio Hermano.

FRANCISCO AGRA

SE a depressão da vontade, o amesquinhamen-
to do character e o tédio morno da existencia passi-
va constituem, segundo o pensamento de Oliveira Mar-
tins, o grande mal de que enferma a sociedade d'hoje,
a morte de Francisco Agra foi para o nosso meio uma
calamidade social.

Homem d'uma só fé, sobrepondo á grandeza intel-
lectual a grandeza moral, protestando efficacissimamen-
te pelas suas poderosas faculdades de trabalho contra
a anestesia dos covardes, que, guisalhando sarcasmos
sobre fórmulas fallidas pela sua impotencia d'um dia,
para ali se refocillam no chiqueiro da vida, Francisco
Agra teve sempre a imperterrita coragem das suas
opinões, não as agravando nunca com a ductilidade
criminosa e commoda condescendencia dos que, dis-
pensando-se da tarefa nobilitante de julgar e crer, vão
boiando inconsciente e automaticamente á mercê de to-
das as correntes.

D'uma coherencia, que pôde ser igualada, nunca ex-
cedida, as suas energias nunca feriam no serviço dos
seus ideaes.

Todos assim o conhecemos—nós os que tivemos a
honra e o prazer do seu convivio, e o povo, que elle
amou sem as adulações dos democratas occasionaes, e
que serviu sem as reservas dos especuladores disfarça-
dos ou confessos.

E era tão nitente e tão egual a irradiação d'aquellas
bellas qualidades, que, ainda quando era mais comple-
ta a absorpção do seu espirito pela paixão politica, que
inteiramente o dominava, elle podia dizer com Anthero
do Quental: «o rhythmico é necessario mesmo no delirio.»

Medonhamente desfalcado o capital dos nossos valo-
res pela morte de F. Martins Sarmiento, José da Cunha
Sampaio e Avelino da Silva Guimarães, o desapareci-
mento subito e tragico de um homem do valor de
Francisco Agra devia enluctar, como enluctou, a gran-
de alma vimaranense, mas...

Houve tempo em que a ingenuidade da nossa fé ex-
cessiva na perfectibilidade da nossa raça nos fazia con-
siderar como caso esporadico na extranha psychologia
das multidões o cansaço d'aquelle grego já aborrecido
d'ouvir dizer bem do grande atheniense! Parecia mes-
mo que o homem aureolado d'um nome immaculado
poderia apurar o seu busto para confiante e seguro
provocar o juizo dos homens! Ilusão!

E' necessario que o pó de muitas miserias, levanta-
do pelo pampeiro esterilizador de inconfessaveis despei-
tos, desça á terra d'onde nunca devera erguer-se, para
limpida a athmosphera e calmos os elementos, a Justi-
ça fazer ouvir em ultima instancia a sua grande e in-
confundível voz. E assim se vimos os mais respeitaveis
dos nossos adversarios politicos confundir as suas com
as nossas lagrimas pelo baquear do grande cidadão
vimaranense, do indefesso propulsionador dos progredi-
mentos d'esta terra, vimos tambem mais tarde com es-
panto e nojo a horda de agitadores sem pudor correr
do pretório ás praças a rosflegar os odios, que lhe in-
tumeciam as almas—sulphureiras onde tumultuam os
detritos de todas as decomposições.

Barabas contava mais um triumpho, não em home-
nagem á innocencia mas em odio ao Christo.

Mas basta.

Não chanfremos o pedestal da glorificação d'esse
grande morto para n'elle entalhar o baixo relvêo—é
bem baixo—d'uma enorme vergonha.

Enfestoemol-o antes com as nossas saudades peren-
nemente rociadas pelas lagrimas do nosso lueto.

Villa Nova de Sande
junho de 1902.

João Candido.

FRANCISCO RIBEIRO

MORREU ha um anno:
E' cedo ainda para que lhe façam in-
teira justiça.

Foi politico, e a politica tem intransigencias e
paixões que nem sempre deixam resplandecer a
verdade.

Trabalhou n'um largo decurso pelo progresso
material e moral da sua terra, com abnegação e
desinteresse pouco vulgares.

Quando o tempo apagar os pequenos inciden-
tes e fizer avultar os relevos fundamentaes da
sua obra, permitindo vê-la sem reservas nem
preconceitos, ha-de então notar-se como foi gran-
de e valioso o seu esforço, e como esta honra-
gem restricta dos seus amigos é pequena para
o muito que elle merecia.

J. J. de Meira.

FRANCISCO AGRA

MAIS de uma vez em publico destaquei da personalidade moral do grande vimezanense, que um braço assassino prostrou por terra, esta sua notabilissima feição diamantina—a escrupulosa fidelidade no cumprimento da sua palavra.

Convidado hoje a collaborar no numero que o «Independente» lhe consagra, tomo este mesmo ponto para assumpto da minha obscura homenagem a essa memoria sempre grata, por isso, para o meu espirito.

No estado de desorganisação, quasi de decomposição, que se atravessa na hora presente sobre esta fachada de terra portugueza, é consequencia forçada para o grande numero dos que pretendem dominar, conquistar situações sobranceiras a trôco de evasivas, que levam sempre compromettidas as melhores parcelas da dignidade: é já hoje um característico da nossa vida publica e da vida burocratica; as grão-cruzes veem quasi logo a seguir cobrir u'um grande deslumbramento da heraldica moderna, essas manchas, que são outros tantos titulos veneraveis...

Com Francisco Agra não aconteceu porém assim; dominando na vida publica d'este concelho, conquistando na politica um lugar proeminente, jámais deixou de honrar os compromissos da sua palavra.

Mantinha-se firme e inalteravel perante todas as consequencias, por peores e mais sensiveis que fôsem, que uma sua promessa arrastasse.

Não precisou por isso de grão-cruzes a constellar-lhe o peito e descendo ao tumulo não foi possível fazer-lhe qualquer demonstração official porque o homem que alli estava era um simples particular que morrera perto d'um caminho ás mãos d'um assassino.

Este traço da sua physionomia moral impôz-se á hombridade dos seus adversarios que juncto ao seu tumulo lhe levaram a homenagem respeitosa da sua veneração.

E é assim que evocando a sua memoria lhe presto no meu espirito um culto de admiração sincera e fervorosa.

Guimarães, 19 de junho de 1902.

Gaspar de Abreu.

A NOSSA HOMENAGEM

EAZ domingo proximo 68 annos que nasceu em Guimarães, Francisco Ribeiro Martins da Costa, e hoje vae decorrido 1 anno que esse homem de bem foi perfidamente e traiçoeiramente assassinado na sua Quinta d'Agra.

Francisco Agra, nome porque era vulgarmente conhecido, nasceu com effeito n'esta cidade em 30 de junho de 1864, baptizou-se no dia 3 de julho immediato na igreja de S. Miguel do Castello, e foi covardemente varado com uma bala no dia 26 de junho do anno findo.

Intelligente e applicado, fez os seus primeiros estudos sempre com aproveitamento nas proximidades do Porto, no collegio da Formiga, matriculando-se mais tarde no 1.º anno das faculdades

de mathematica e philosophia da nossa Universidade, que depressa abandonou porque uma doença epidemica o obrigou a ausentar-se de Coimbra, onde não voltou por conselhos da medicina.

Uma vez na sua terra natal, impulsionado pelas suas inclinações ingénitas, não tardou a entrar abertamente no campo da politica, alistando-se nas hostes regeneradoras, de que mais tarde foi chefe valioso n'este concelho durante muitos annos.

Extremamente dedicado aos seus amigos, de cujas pretensões elle tractava sempre com inexcedivel sollicitude e boa vontade, tinha o dom privilegiado de atrahir a todos, e a todos se accommodava com a sua modestia exemplar, e assim captou as mais vivas sympathias, dispondo sempre de grande influencia politica em todas as freguezias do concelho.

Amou e serviu lealmente, honradamente, dedicadamente a sua terra e o seu partido, e com tão patriótico desinteresse, com tão extremada isenção, que durante uma larga e fecunda vida politica, exercendo uma influencia decisiva no seu partido, recusou sempre quaesquer diplomas ou condecorações durante a sua luminosa existencia.

Francisco Agra, era um homem honrado, um trabalhador infatigavel, um caracter austero, um verdadeiro modelo d'honestidade. Incapaz d'um acto menos correcto, pautando sempre todos os seus actos pela mais severa rectidão, presou sempre mais que tudo a dignidade e a honra.

A merecida homenagem que o «Independente» hoje presta a F. Agra, em commemoração do 1.º anniversario da sua morte tragica, significa apenas um acto de justiça para com o vimezanense illustre que pela sua iniciativa, pelo seu esforço, e pela sua actividade excepcional, tanto concorreu para o engrandecimento da terra que lhe serviu de berço.

Guimarães, conhece bem a extraordinaria dedicacão com que F. Agra sempre cooperou para os melhoramentos mais notaveis do seu tempo—a feitura das estradas municipais mais importantes do nosso concelho; a fundação da Escola Industrial Francisco d'Hollanda; a creação do regimento d'infanteria 20 e a sua conservacão n'esta terra quando houve necessidade de reforçar a guarnição do Porto, tão reduzida depois da extincção dos regimentos de caçadores 9 e infanteria 10; as Avenidas do Commercio e Industria; a restauração da Collegiada; a creação do Pequeno Seminario e a concessão do convento e igreja de Santa Clara para a sua installação; a remodelação do ensino n'aquelle instituto e a sua transformacão em Seminario-Lyceu; a conservacão do convento e igreja de Santa Rosa de Lima, para ser ali installada a sede da freguezia de S. Sebastião, afim de poder ser demolida a respectiva igreja matriz, o que tanto contribuiu para o aformoseamento da Praça de D. Affonso Henriques; a creação de dezenas de escolas de instrucção primaria em outras tantas freguezias que se achavam quasi analfabetas, etc. etc.

No celebre conflicto braçaro-vimezanense, que tanto agitou a cidade de Guimarães, no periodo de maior effervescencia, muitos serviços prestou F. Agra a esta terra, sendo elle um d'aquelles a quem se deve a solução airosa que poz termo á contenda.

Estes serviços valiosos e relevantissimos que o filho dilecto de Guimarães dispensou á sua terra natal, são motivos sufficientes para a homenagem, modesta mas sincera, que este jornal hoje presta a F. Agra, honrando a sua memoria querida e recordando a sua vida e a sua obra, as suas meritas qualidades de valôr e de caracter, como homem politico e como cidadão.

As derradeiras homenagens de respeito e saudade que doloridamente todo Guimarães, n'um ultimo adeus foi depôr-lhe um anno perante o ataud de d'esse homem verdadeiramente prestimoso, testemunhando-lhe assim a sua veneração e estima, provam d'uma forma exuberante a dôr que lhe ia na alma e as sympathias geraes que o illustre findo justamente contava n'esta cidade que elle tanto emobrecceu pelo seu trabalho infatigavel.

A patria de Affonso Henriques que o illustre morto inquebrantavelmente honrou como poicos, sentiu o passamento de Francisco Agra, com a magua que sempre causa a desappareição dos homens que, no nosso incio, se destacam pela sua honestidade e pela sua estatura moral.

Quando são arrebatados pela fatalidade homens da envergadura de Francisco Martins, não é o partido politico em que elles militaram que fica de lucto, é a terra que lhes foi berço.

Com a morte do saudoso vimezanense perdeu o partido regenerador um dos seus mais fieis e devotados paladinos e a cidade de Guimarães, um homem notavel, um dos vultos mais proeminentes d'esta terra, um excellente coração e sobretudo uma alma dotada de alevantados sentimentos e aprimoradas qualidades de caracter.

N'estes tempos que vamos atravessando em que todos cuidam de si n'um egoismo tórpe, a hombridade de Francisco Agra, a abnegação inexcedivel com que o honrado chefe do partido regenerador de Guimarães, durante toda a sua vida politica, contribuiu para o alevantamento da sua terra e para o bem estar dos seus concidadãos, faz rememorar o typo d'esses portuguezes antigos de quem Sá de Miranda dizia que eram:

Homens d'um só parecer,
D'um só rosto e d'uma fé
D'antes quebrar que torcer!

Não admira pois que no coração dos seus amigos ainda hoje vibre a sensação do profundissimo desgosto com que a morte do prestantissimo cidadão emocionou dolorosamente Guimarães inteiro.

Aquelles que lhe souberam apreciar as altas qualidades de valôr e de caracter, cumpre a missão de dilatar-lhe a memoria tomando para exemplo a sua vida e a sua obra em todas as manifestações da sua poderosa individualidade.



FRANCISCO AGRA

MISSA

Luiz Ribeiro Martins da Costa, José Ribeiro Martins da Costa, João Ribeiro Martins da Costa e Domingos Martins da Costa Ribeiro, participam aos seus parentes, amigos e mais pessoas das suas relações, que no dia 26 do corrente pelas 11 horas da manhã, se ha-de resar uma missa na egreja da Misericordia por alma do saudoso extincto Francisco Ribeiro Martins da Costa, por ser o anniversario do seu inesperado passamento, e agradecem desde já a todos que se dignarem honrar este acto com a sua presença.

Guimarães, 20 de junho de 1902.